

1

Introdução

Esta introdução é quase uma profissão de fé, e o leitor logo entenderá o porquê.

De uma maneira geral, as pessoas, ao longo da vida, tendem a cultivar os grandes projetos, de forma que estes funcionem como catalizadores de marcas inequívocas de uma existência expressiva. Parece evidente que não há nada de errado em alimentar tal desejo. No entanto, quando o desejo se transforma em fixação, e esta faz com que os sujeitos transfiram sempre para um futuro indeterminado a possibilidade da felicidade, esvaziando qualquer oportunidade da alegria do tempo presente, ofuscada pela sede do projeto ideal, algo vai mal. Vida ideal, trabalho ideal, amor ideal, só existem no plano das idéias. O que se tem diariamente é o desafio de arrancar da vida felicidade, pois, como bem nos advertiram poeticamente os mestres Tom Jobim e Vinícius de Moraes, “Tristeza não tem fim/ Felicidade sim/ A felicidade é como a gota/ De orvalho numa pétala de flor...” (Jobim & Moraes, 1990).

Ao iniciar esta introdução com uma reflexão, talvez pouco convencional para os padrões acadêmicos, não houve a intenção de contestar estruturas, criticar modelos, propor rupturas ou coisa parecida. O que se pretende é alertar para a necessidade de recuperar o desejo pelas coisas simples da vida, geradoras de uma alegria que não pode ser embotada pelas adversidades. Ao contrário, esta alegria, auxilia a dimensionar, de maneira adequada, tanto os momentos de agruras como os de largueza da vida, proporcionando a tranquilidade necessária para que se possa atribuir o valor exato – ou o mais próximo disto – das coisas nesta nossa precária e instigante existência.

Convicto das postulações feitas até aqui, sinto-me bastante à vontade e sereno para reconhecer que esta é apenas mais uma pesquisa, entre tantas outras já existentes e as que virão. Portanto, meu caro leitor, não espere encontrar aqui uma investigação renovadora, vanguardista e singular no campo da Educação. Por favor, lembre-se, não superestime o presente trabalho que está chegando a suas

mãos. Quanto a mim, pretendo não subestimá-lo, mas sim tentar inscrevê-lo no lugar mais adequado, tanto no plano pessoal como no acadêmico.

Na área pessoal, a tarefa é relativamente simples, ou seja, esta investigação representa uma vitória concreta da tenacidade, não só minha, mas de todos aqueles que tiveram alguma participação prática, afetiva ou ambas neste projeto. Na esfera acadêmica, encaro a pesquisa como uma tentativa modesta, porém honesta, de contribuir com o campo da Educação e para a efetivação de um melhor conhecimento da juventude contemporânea em sua alteridade, através da literatura e da indústria cultural. Todavia, no plano acadêmico, o grande fiel da balança será você, caro leitor, a quem caberá, assim espero, uma leitura atenta, críticas contundentes e provocadoras de instigantes reflexões e variados debates.

Na tentativa de aguçar e ampliar seu interesse para o presente trabalho, apresento sumariamente a forma como se constituiu a investigação.

O capítulo I, em sua parte inicial, apresenta a pesquisa, expõe as razões que me levaram a buscar investigar inicialmente uma identificada crise da leitura que atingia os diversos setores da sociedade, com amplo impacto sobre os jovens escolarizados. Após aprofundar a questão do grande desinteresse pelas práticas de leitura nas camadas jovens escolarizadas, pude perceber que o que se anunciava como uma ação “natural”, na realidade, era uma reação à restrição e rejeição das experiências juvenis, quase sempre, promovidas pela escola. O novo entendimento sobre a questão impôs a necessidade de efetuar uma ligeira e expressiva mudança no eixo da investigação, que, a partir de então, passou a centrar seus esforços em buscar compreender o jovem na sua alteridade, através da literatura e da indústria cultural.

Um segundo momento do capítulo foi destinado ao levantamento da revisão bibliográfica sobre a juventude observada a partir dos seguintes eixos temáticos: identidade juvenil e trabalho, juventude e escola, juventude memória, discurso e subjetividade, juventude e relações sociais na cidade, juventude e consumo e juventude e política. O item denominado procedimentos teórico-metodológicos explica e justifica as opções adotadas no desenvolvimento da dissertação, incluindo-se, aí, a escolha da literatura e da indústria cultural como veículos mediadores para se alcançar as representações da juventude. Como desdobramento lógico do tópico, são esclarecidas as razões que fizeram com que

as crônicas do jornalista e escritor Zuenir Ventura representassem o universo literário e a revista **MTV** representasse a indústria cultural, ao longo do trabalho.

O capítulo II localiza e busca elucidar a questão das tensões existentes entre os campos da arte e da indústria cultural. Os desdobramentos do capítulo serão ordenados sob três subtítulos, assim designados: afastamentos, aproximações e tabus. O primeiro retoma o pensamento dos filósofos Adorno e Horkheimer e suas formulações pioneiras que geraram o conceito inicial de indústria cultural considerada por ambos, restritivamente, como arbitrária, alienante e reificadora. O segundo, centra sua análise nas reflexões do também filósofo Walter Benjamin – contemporâneo e interlocutor dos pioneiros conceituadores da indústria cultural – que, diferente destes, assume uma postura mais dialética através de suas críticas menos restritivas. O terceiro parte das problematizações da cultura contemporânea – desenvolvidas por Umberto Eco e Nestor García Canclini, estudiosos desta área de conhecimento – para daí buscar compreender as razões pelas quais, tanto a arte como a Indústria Cultural serão apropriadas e resignificadas pelos mais variados grupos de defensores e detratores dos seus princípios.

O capítulo III, em sua etapa inicial, retoma as questões centrais dos capítulos precedentes para daí avançar na direção da compreensão da capacidade dos jovens em caminharem, simultaneamente, por sistemas culturais distintos, o que se apresenta como um bom indicativo para compreender melhor a juventude na sua alteridade. Como desdobramento desta questão, surge outra fundamental, nesta etapa final, que é a transitoriedade do sentido de juventude ao longo da história e no presente. Para encerrar o capítulo, são efetivadas as análises dos dados levantados nas crônicas do jornalista e escritor Zuenir Ventura e na revista **MTV** – veículos selecionados como representantes da arte e da Indústria Cultural – distribuídos em duas categorias assim dispostas: Juventude Drogas, Diversão, Sexualidade e Mídia e Juventude e Violência.

Finalizando a dissertação, serão apresentados na conclusão os resultados das análises das categorias que contribuíram para a construção de um painel – é sempre bom ressaltar – provisório, mas relevante da juventude contemporânea.

Para encerrar esta introdução, desejo que a investigação aqui anunciada consiga encontrar a interlocução necessária, para que daí possam emergir diálogos, capazes de auxiliar a mim e a todos que desejam compreender melhor o

às vezes misterioso e sempre diverso universo da juventude. Também espero francamente que as imperfeições existentes no trabalho – de minha exclusiva responsabilidade – não o impeçam de ter cumprido de modo satisfatório o seu papel. Pois, assim ocorrendo, serei sempre devedor de alguns firmes companheiros, cujos esforços também estão espalhados e incorporados nas linhas que seguem.

1.1

Indo do Tema ao Problema

Estabelecer o objeto de uma pesquisa nunca é tarefa fácil. A sensação de que sempre poderia ser acrescentado ou suprimido algum aspecto na investigação é companhia constante do pesquisador. As questões metodológicas, a revisão bibliográfica, a escolha dos teóricos com os quais serão mantidos diálogos, tudo isso somado gera uma insegurança inicial, que pode e deve ser vencida paulatinamente, ao longo do processo de desenvolvimento da dissertação.

Embora relevantes, as questões apresentadas acima são parte da trajetória de todos aqueles que investem seu tempo e trabalho na pesquisa acadêmica. É essa trajetória que esse capítulo apresenta, revelando o caminho percorrido na delimitação do problema da pesquisa: buscar as representações da juventude na Literatura e na Indústria Cultural.

Antes de mais nada, é importante destacar dois aspectos que foram fundamentais para o estabelecimento do recorte do objeto da pesquisa. De um lado, o envolvimento profissional com os jovens ao longo de dez anos de magistério. De outro, a formação acadêmica na área de Letras, aliada a uma prática cotidiana, geradora da compreensão da importância da leitura e da Literatura na formação do ser humano, e, em especial, na formação dos jovens.

Essa aproximação constante com os alunos e alunas dos Ensinos Fundamental e Médio acabou me levando à necessidade de investigar o que está por trás do que o senso comum e a produção científica reconhecem como uma crise da leitura. A alusão a essa crise coloca, via de regra, a responsabilidade pela rejeição à leitura sobre os ombros do/a jovem como se não gostar de ler, não se

interessar pelas leituras que a escola impõe – inclusive os “clássicos” – fosse uma característica natural da juventude.

Embora a experiência com o magistério que venho construindo me indicasse a insuficiência de se naturalizar a relação de estranhamento que o/a jovem mantém com a Literatura, senti necessidade de investigar essa questão de forma organizada e sistemática, buscando subsídios para contribuir com o campo da Educação, mais especificamente com o campo do ensino da Literatura, para a desnaturalização da chamada crise da leitura.

Do ponto de vista da cultura escolar, tal como Sacristán, Gómez e Forquin (apud CANDAU, 2000) a examinam, compreende-se o motivo que leva a escola a justificar a distância entre o jovem e a leitura do texto literário como uma crise da leitura. Referindo-se à crítica de Forquin à maneira como a escola organiza e transmite os conteúdos das diversas disciplinas, Candau (2000) constata o quanto a cultura escolar – referida aos conhecimentos intencionalmente trabalhados em sala de aula – vem se revelando “engessada”, pouco permeável aos universos culturais das crianças e jovens.

Falando de um estudo, desenvolvido sob sua coordenação, cujo objetivo foi investigar as relações entre a escola e as culturas juvenis, realizado em duas escolas da Zona Sul do Rio de Janeiro, uma da rede pública e outra da rede particular, a autora destaca que, de uma maneira geral, o universo escolar pesquisado apresenta-se “bastante uniforme e auto-referido, distante de ser um espaço dinâmico e plural, que favorece o diálogo entre diferentes culturas” (CANDAU, 2000, p. 73)

Esse caráter monocultural da cultura escolar, também descrito por Green e Bigum (1995) em texto significativamente intitulado “Alienígenas na Sala de Aula”, que supõe a desvalorização da cultura do outro – no caso o/a jovem – explica o fato de a distância entre os estudantes e a Literatura ser compreendida, etnocentricamente, como sendo fruto de uma crise da leitura.

Candau (2000) termina a apresentação do estudo, que focalizou a relação entre cotidiano escolar e culturas juvenis, apontando para a necessidade de que outras investigações venham dar continuidade a essa linha de pesquisa que, valorizando as relações entre educação e cultura(s), contribuam “para se recriar os processos de escolarização, no sentido de sua maior relevância acadêmica,

político-social e cultural no momento atual da sociedade brasileira, tão cheia de perplexidades, contradições e buscas” (CANDAU, 2000, p. 78).

Reconhecendo que o campo do ensino da Literatura necessita urgentemente aprofundar as relações entre educação e cultura, optei por realizar um estudo que me possibilitasse conhecer o jovem em sua alteridade, compreendendo o quanto esse reconhecimento é fundamental para subsidiar uma prática pedagógica que sensibilize o aluno para o texto literário.

Entre realizar um estudo de campo ou uma investigação em que eu pudesse buscar na própria Literatura meios para melhor compreender o jovem, acabei escolhendo a segunda opção. Pesou nessa escolha não só minha afinidade com esse procedimento metodológico, mas também a possibilidade que esse procedimento me concedia de explorar, ao longo do período do Mestrado, o texto literário e, portanto, de interagir com o que se constitui como fonte privilegiada da minha atuação como docente.

De início, minha escolha era restringir à pesquisa à representação da juventude na Literatura, mais especificamente na Crônica (essa delimitação será pormenorizada no item a seguir). Entretanto, a oportunidade, em algumas disciplinas do Mestrado, de pensar a tensão que se coloca hoje entre Arte e Indústria Cultural me levou a decisão de ampliar a investigação, buscando a representação da juventude também na Indústria Cultural.

Uma pesquisa que pensa a juventude a partir da Literatura e da Indústria Cultural, inicialmente, poder-se-ia supor mais adequada, por exemplo, a um programa de Pós-Graduação na área de Letras ou na área de Comunicação. No entanto, é na esfera da Educação que se acredita ter encontrado o terreno mais profícuo para o desenvolvimento da presente investigação, uma vez que reconhecer e tratar os jovens como um dos sujeitos do processo educacional, necessariamente, precisa ser um pressuposto do campo da Educação. Porém, é sabido que os atores que se ocupam dos jovens no plano político e social, e, também, no âmbito acadêmico (incluindo aí, em vários momentos, o campo da Educação) na maioria das vezes apresentam uma imensa dificuldade de reconhecê-los como sujeitos dos mais variados processos, como se pode verificar abaixo:

“[...] Parece estar presente, na maior parte da abordagem relativa aos jovens, tanto no plano da sua tematização como das ações a eles dirigidas, uma grande dificuldade de considerar efetivamente os jovens como sujeitos, mesmo quando é essa a intenção, salvo raras exceções; uma dificuldade de ir além da sua consideração como “problema social” e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de sustentar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, além de simplesmente sofrê-los ou ignorá-los.”¹

Frente ao exposto até o momento, pode-se depreender que, à medida que o campo educacional abre espaço para investigações como a aqui iniciada, reafirma o seu compromisso com uma pesquisa acadêmica socialmente relevante, plural e interdisciplinar, que recebe, por exemplo, entre outras, as contribuições do campo antropológico, na medida em que ela “busca situar o problema na especificidade do social para, assim, desnaturalizar os fenômenos, que são, quase sempre, construções socioculturais” (DAUSTER, 1999, p.3).

1.2

Variações Sobre o Mesmo Tema

Apresento nesse item uma revisão não exaustiva dos estudos sobre juventude realizados nos últimos anos, a partir de diversos eixos temáticos.

A sociedade, através do senso comum, construiu uma imagem bastante estereotipada da juventude, que, ainda hoje, aparece de maneira freqüente nas formulações sobre a identidade juvenil. Ser jovem, segundo essa visão, é viver o ócio, buscar o lazer, aproveitar o tempo livre, cultivar a rebeldia e experimentar intensamente os conflitos geracionais. (QUIROGA, 2002, p.35.). No entanto, esta visão sobre a juventude não corresponde à totalidade dos jovens, como ressalta a autora, ainda no mesmo artigo, conforme pode ser observado a seguir:

¹ ABRAMO, Helena Wendel. “Considerações Sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil” In. **Revista Brasileira de Educação**, nº 5/6, p. 28, 1997.

“A ênfase nessa visão, em seus três primeiros componente – conflitos geracionais, criticidade e ócio –, parece corresponder mais às possibilidades de vida dos jovens de segmentos sociais de melhor poder aquisitivo. [...] Para os jovens pobres [...] o trabalho continua sendo percebido e incorporado por eles como uma referência de primeira ordem. Referência que está vinculada não somente, pois, à sobrevivência material, mas às possibilidades de reconhecimento social e de alguma realização pessoal.”²

Ainda sobre o tema da identidade juvenil e trabalho, a autora destaca a relevância da crise do mercado formal de trabalho assalariado, que acomete os distintos segmentos da sociedade contemporânea e agrava-se amplamente entre os jovens, tanto das camadas abastadas, como os das faixas mais pobres. A consequência dessa crise é uma mudança na maneira de os jovens compreenderem o trabalho que, agora, não é mais visto como forma de sobrevivência, de consolidação de identidade ou realização profissional, desenvolvida ao longo do tempo e da estabilidade profissional. Ao contrário, como, no presente, o trabalho tem cada vez mais um caráter transitório, ele cada vez menos exprime a realização do sujeito; antes é reduzido ao espaço de ganhar dinheiro, enquanto ele existe, afetando diretamente a construção do ideário juvenil. (QUIROGA, 2002, p38.)

Outro aspecto acerca da juventude carregado de contradição é a sua relação com a escola. Visivelmente instável frente aos novos desafios da sociedade contemporânea, a escola vem perdendo o sentido de referencial para os jovens, em função, entre outras coisas, do seu sucateamento progressivo (tanto na área pública quanto na privada), da falta de perspectiva de trabalho e vida futura, da perda da visão dialógica da educação e de seus profissionais que, invariavelmente, adotam uma postura intolerante frente aos valores e comportamentos juvenis. (CARRANO, 2001, p.18)

Mesmo sendo evidente a crise da relação escola e juventude, nem tudo parece tão perdido. Começa a se delinear, ainda que de maneira tênue, uma postura diferente, construída a partir dos processos culturais dos grupos de jovens, como pode se observar no trecho a seguir:

² QUIROGA, Consuelo. “O (Não-) Trabalho: Identidade Juvenil Construída pelo Averso?” In. **Praia Vermelha: Estudos de Política e Teoria Social**, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, UFRJ, N° 07, Segundo Semestre, 2002, p. 35.

“A perspectiva da aquisição e produção de conhecimento é uma tônica dos muitos grupos jovens de lazer, não apenas nos seus aspectos formais, mas como conhecimentos vivos e testados como sentidos culturais válidos para a sociabilidade dos grupos.

Os processos culturais dos grupos da juventude indicam a possibilidade de se assumir o potencial educativo das formas descontínuas de aprendizagem, abrindo possibilidades para incorporações do inesperado e da flexibilização educacional, segundo os sentidos e interesses das diferentes subjetividades em curso.”³

A questão da memória e do discurso manifesta-se de forma complexa na juventude contemporânea. Numa análise preliminar, verifica-se que, parte significativa dos jovens, sobretudo das grandes cidades e das classes mais abastadas, vive em um presente contínuo, onde as marcas das experiências passadas são remetidas a um plano inferior, ainda que momentaneamente, reduzindo a possibilidade da sedimentação da memória, em função da constituição das vivências instantâneas. No campo discursivo, o que vem ocorrendo é uma cessão às estruturas fragmentárias, que substituem paulatinamente os modelos narrativos vigentes, interferindo na maneira de perceber e representar o mundo e os fatos da vida cotidiana. (ALMEIDA & TRACY, 2003, p. 66)

Ainda falando sobre espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas as autoras descrevem da seguinte maneira a atitude discursiva de parte deste grupo:

“Exíguas palavras, gesticulações abundantes, silêncios mecânicos, desdém pela problematização, a busca obstinada da síntese, da conclusão óbvia sem redundâncias – constituem-se em algumas das evidências representativas das semióticas jovens.”⁴

O corpo, na estrutura discursiva do universo jovem investigado pelas escritoras, assume um papel de “ máquina de comunicar, não somente como recurso gestual, tátil, material, mas igualmente como prática narrativa situacional” (ALMEIDA & TRACY, 2003, p.114). Desta forma, é atribuído ao

³ CARRANO, Paulo César Rodrigues. “Jovens na Cidade” In. **Trabalho e Sociedade**, Rio de Janeiro, Nº1, Agosto, 2001, p. 18.

⁴ ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & TRACY, Kátia Maria de Almeida. “Semióticas Pós-Significantes” In **Noites Nômades**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 2003, p.81

corpo, mais especificamente à aparência, o papel de estabelecer aproximações e distanciamentos entre os indivíduos.

Para se ocupar da questão das relações sociais na cidade e juventude, é importante que se problematizem a amizade e as relações familiares. Enquanto a primeira é conquistada e desenvolvida numa relação paritária, a segunda, é, de modo geral, outorgada e mantida através de vínculos primários de obediência e obrigação, que podem se transformar em relação de confiança, mas dificilmente serão como a amizade, devido à natureza de sua origem. Desta maneira, tanto para os jovens das classes privilegiadas como para os das classes menos favorecidas, a questão da amizade se constitui como um tema de alta relevância na esfera das relações sociais na cidade (CASTRO & MENEZES, 2002, p. 77).

As autoras ainda sinalizam, no mesmo texto, uma curiosa contradição envolvendo a amizade e as relações sociais na cidade, como é observado a seguir:

“É certo que as amizades são dirigidas a quem se é mais afeito, pela semelhança de idade, de gostos e de origem social, promovendo as aspirações características da sociedade intimista: sinceridade, transparência e intimidade. Entretanto, os jovens também se dão conta de que estes vínculos podem levar a relações sociais preconceituosas que restringem as amizades afastando o estranho, e diminuindo as chances de conhecer o outro – o não semelhante ao sujeito. [...] A falta de conhecimento do outro é preenchida pelo preconceito.”⁵

Com o estabelecimento das cidades modernas, fruto direto dos avanços tecnológicos e do desenvolvimento econômico, entra em cena, sobretudo nas sociedades ocidentais, uma nova categoria social, denominada sociedade de consumo, que traz consigo o estabelecimento de lugares específicos para a prática desse fim (CRUZ, 1998, p.162), o que contribuiria substancialmente para mudar a relação dos jovens com a cidade.

A sociedade de consumo é erigida sobre o imaginário da felicidade, juventude e realizações, necessariamente vinculadas à obtenção de bens e serviços, prontos para serem adquiridos pelos que detêm capital para isso,

⁵ CASTRO, Lúcia Rabello de. & MENEZES, Jaileila de Araújo. “Subjetivação e Política: Novos Contornos no Contemporâneo”. In. . **Praia Vermelha: Estudos de Política e Teoria Social**, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, UFRJ, Nº 07, Segundo Semestre, 2002, p. 76.

criando, por um lado, uma geração cuja identidade se constrói a partir do consumo, e, por outro, uma multidão de frustrados à margem do consumo, sem lugar na cidade e desprovidos das credenciais de acesso ao mundo “dourado”, onde se é pelo que se tem, e, não se tem pelo que se é.

Não só os jovens, mas também adolescentes e crianças, evidenciam um redimensionamento das funções dos espaços da cidade, como sustenta a autora ainda no mesmo texto, como se vê a seguir:

“Este [espaço da cidade] não seria mais o lugar do público no sentido de favorecer ou promover as relações sociais, mas pelo contrário, estaria agora caracterizado como **produto** e **produtor** exatamente da falta de relação social. Falta de relação de pessoas, mas principalmente entre grupos sociais, o que marca uma cisão no espaço urbano.”⁶

Na esteira da cisão urbana, surge a crescente diminuição do interesse em conhecer a diversidade dos espaços da cidade, geradora de um vazio de vivência da cidade e suas personagens, inviabilizadora da troca de experiências entre os vários grupos, principalmente entre os de jovens.

Antes de abordar a relação entre juventude e consumo, é preciso apresentar uma ligeira distinção de enfoques dados contemporaneamente sobre a questão do consumo. Entre as diversas visões destacam-se duas: a primeira, que encara a ação do consumidor como “um subproduto da exposição aos meios de comunicação ou como estimulação de desejos emulativos” (BAUDRILLARD, In. BENEVENUTO, 2003, p.85). E a segunda, que vincula o consumo com cidadania, a partir das mudanças culturais que transformam a relação entre público e privado. Nessa visão, a atitude dos consumidores não é vista como irracional, e nem a cidadania está restrita a uma atuação de natureza ideológica. (CANCLINI, In. BENEVENUTO, 2003, p.87).

Feita a devida ressalva sobre os sentidos de consumo, tomemos a moda como referência exemplar no que tange a relação dos jovens com o consumo. Ainda no mesmo artigo, a autora, que se utiliza do pensamento de Baudrillard e Canclini para refletir sobre o consumo, chama a atenção para o fato de que, ao

⁶ CRUZ, Andréa Góes da. “Espaço Urbano e Transformações da Subjetividade da Criança e do Adolescente.” In. CASTRO, Lúcia Rabello (Org.). **Infância e Adolescência na Cultura de Consumo**. Rio de Janeiro, Editora Nau, 1998, p. 164.

contrário do que se pode supor, mesmo percebendo uma padronização em escala mundial da moda entre os jovens, ela avalia não ser adequado classificar esse comportamento como “pasteurização”, pois, ainda que seja na escolha dos detalhes, um espaço para a liberdade individual resiste. (BENEVENUTO, 2002, p.89).

A autora chama atenção para o fato de que a roupa, mais do que marcar o consumo, funciona como traço distintivo dos grupos de jovens, como se pode se verificar abaixo:

“Vestir o corpo, adorná-lo, modifica-lo podem funcionar como uma função signo, uma função de reconhecimento, a partir de um efeito estético. Neste contexto, a aparência tem se mostrado capaz de se prestar como objeto de identificação e pertencimento.”⁷

Quanto à tematização da relação juventude e política, tem sido recorrente a visão de que a atual geração de jovens, se comparada com gerações de jovens passadas (sobretudo a geração dos anos 60), é bastante desarticulada e desinteressada no que diz respeito às questões políticas. Essa sentença pode ter algo de correto, mas torna-se perversa e imprecisa na medida em que se tenta transpor uma matriz histórica passada para uma realidade presente, que é seguramente distinta e diversa na atualidade.

Sobre o tema, Carrano, em artigo exemplar, falando sobre sua pesquisa com jovens na cidade de Angra dos Reis, sinaliza o seguinte:

“Na pesquisa foi possível perceber que muitos jovens não negam a importância da participação no debate público sobre a cidade. Afirmam, entretanto, não se sentirem contemplados com as formas tradicionais de se fazer política expressa pelos partidos, sindicatos, associações ou mesmo modalidades de discussão pública representadas pelos conselhos municipais, considerados demasiadamente formais e burocráticos”⁸

⁷ BENEVENUTO, Mônica Aparecida Del Rio. “Um olhar sobre o Consumo de Moda Entre os Jovens Rurais. In. **Praia Vermelha: Estudos de Política e Teoria Social**, Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, UFRJ, Nº 07, Segundo Semestre, 2002, p.90.

⁸ CARRANO, Paulo César Rodrigues. “Grupos de Juventude e Práticas Sociais na Cidade” [online] disponível na internet via <http://www.anped.org.br/0307t.htm>

Ainda no mesmo texto, o autor destaca que a formulação de políticas públicas mais ágeis e flexíveis, que visem a agregar e despertar o interesse e participação da juventude na esfera do mundo político, tem se apresentado como um grande desafio para os próprios jovens e para aqueles que se ocupam tanto em investigar como em buscar alternativas para as questões do universo juvenil. (CARRANO, 2003, p.5)

Neste breve panorama sobre a temática envolvendo o universo juvenil, fica evidenciado que não se pode tratar a juventude como uma massa uniforme e indistinta, que pode ser enquadrada em critérios fechados e acabados. Pelo contrário, quanto mais se pesquisa, se estuda e se interroga, mais se tem a clareza de que é preciso investigar, a fim de que se tente construir um inventário que possa dar conta, ainda que de maneira provisória, da juventude na sociedade contemporânea.

1.3 Procedimentos Teórico-Metodológicos

A escolha do texto literário (mais especificamente da crônica) e da Indústria Cultural como veículos para se alcançar o objetivo da pesquisa não se deu ao acaso. Nesse sentido, buscar a representação da juventude na Literatura atende à minha própria necessidade de explorar mais sistematicamente o material que venho utilizando em minha prática docente, e, buscar essa representação na Indústria Cultural reflete uma outra necessidade que é a de me aproximar do fenômeno da comunicação de massa, normalmente ignorado e desvalorizado pela escola, buscando compreensão para a sedução que tal fenômeno vem exercendo sobre os receptores. Desse modo, à Indústria Cultural cabe o papel, dentro da investigação, de completar o olhar lançado sobre os jovens pela Literatura. É fundamental sublinhar que a presente investigação está sendo construída com a cautela necessária para não se cair numa postura maniqueísta e reducionista que contrapondo, a priori, Arte e Indústria Cultural, acabe supervalorizando os benefícios da primeira e os malefícios da segunda. Nesse sentido, cabe citar,

Clarice Lispector (1984) para apontar o cuidado que vem me guiando na exploração da questão que me dispus a investigar:

“Eu sei de muito pouco. Mas tenho a meu favor tudo o que não sei e – por ser um campo virgem – está livre de preconceitos. Tudo que não sei é minha largueza. É com ela que eu compreenderia tudo. Tudo o que não sei é que constitui a minha verdade.”⁹

1.3.1 A Escolha da Crônica

Mesmo considerada por muitos como um “gênero menor” (CANDIDO, 1992), ainda assim, a crônica, está incorporada à categoria de Gênero Literário, e, por extensão, passa a pertencer ao universo das obras de arte.

O fato de a crônica não participar, dentro do campo da Literatura, do elenco dos gêneros considerados mais “nobres”, em vez de diminuir sua importância, acaba por ressaltar qualidades que, além de serem decisivas para sua fixação e permanência no campo, serão reveladoras de um instrumento imprescindível na arte da iniciação à leitura e à vida literária, como bem destacou Antônio Candido:

“... a crônica é um gênero menor. [...] Graças a Deus, __ seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, que ela serve de perto, mas para a literatura. [...] Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente por que elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.”¹⁰

⁹ LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984. p.158.

¹⁰ CANDIDO, Antônio. “A Vida ao Rés-do-Chão” In. **A Crônica: O Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, p. 13-14.

A arte, pelo fato de poder retratar as experiências universais dos indivíduos e pela sua capacidade humanizadora, muitas das vezes, consegue explicar melhor o mundo concreto do que inúmeros tratados de Ciências Sociais. Nesse sentido, para a investigação em andamento, a crônica cumpre plenamente seu papel, como pode ser observado a seguir:

“É curioso como elas (as crônicas) mantêm o ar despreocupado, de quem está falando de coisas sem maior consequência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social.

[...] Quero dizer que por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia.

[...] É importante insistir no papel de simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica. Os professores tendem muitas vezes a incutir nos alunos uma idéia falsa de seriedade; uma noção duvidosa de que as coisas sérias são graves, pesadas, e que conseqüentemente a leveza é superficial. Na verdade, aprende-se muito quando se diverte, e aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas.”¹¹

Ao lançar mão da crônica, como uma das mediadoras para se alcançar as imagens da juventude, além de buscar um viés diferente, procurei gerar uma ruptura com as visões pré-estabelecidas sobre os jovens, provocando, assim, uma empatia com o tema, o que facilitaria, de um lado, uma postura de estranhamento fundamental em uma pesquisa qualitativa, e, de outro, um “estado de alerta constante incorporado como uma postura metodológica capaz de perceber a relevância tanto de aspectos evidentes e densos, como de aspectos dispersos nos detalhes, aparentemente, sem importância” (LINS DE BARROS, Mimeo, p. 12).

A escolha da crônica para buscar entender a juventude corresponde à tendência da pesquisa qualitativa que visa a focalizar as minúcias do cotidiano para delas extrair compreensão para as questões macroestruturais.

Após selecionar o veículo que representaria a Literatura, ainda havia a necessidade de efetuar uma delimitação do autor ou autores a serem utilizados. Inicialmente, pensei em trabalhar com parte das obras de três grandes escritores,

¹¹ Idem, p. 17 – 19.

representantes da geração moderna de cronistas, respectivamente Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Zuenir Ventura. A lógica interna da escolha desses autores residia no fato de eles representarem a geração moderna de cronistas, como já mencionado, além de os dois primeiros serem responsáveis diretos pela consolidação da crônica moderna, como afirma o crítico Antonio Candido:

“[...] Foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com seus rotineiros e os seus mestres. Nos anos 30 [...] apareceu aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: **Rubem Braga**”.

[...] Nele observamos um traço que não é raro na configuração da moderna crônica brasileira: no estilo, a confluência da tradição, digamos clássica, com a prosa modernista. Essa fórmula foi bem manipulada em Minas (onde Rubem Braga viveu alguns anos decisivos da vida); e dela se beneficiaram os que surgiram nos anos 40 e 50, como [...] **Paulo Mendes Campos**.¹²

No entanto, ao longo do segundo semestre de 2002, após seleção e leitura das obras de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, verifiquei que, apesar de haver imagens da juventude em suas produções, elas eram insuficientes para dar sustentação à pesquisa pretendida. Restava então, realizar um mergulho na obra de Zuenir Ventura.

É importante destacar que as crônicas utilizadas na pesquisa não representam a totalidade da produção do escritor. Elas são apenas uma seleção de seus textos produzidos ao longo dos anos 90 e início do século 21. Outro dado relevante é que o acesso a este material foi obtido dos arquivos pessoais do próprio autor, a quem, após contato, solicitei, sendo gentilmente atendido.

Do mergulho na obra de Zuenir Ventura, emergiu a convicção de que ali estava o material necessário para o bom desenvolvimento da pesquisa. Alguns fatores contribuíram para solidificar a confiança de que se estava enveredando pelo caminho adequado. Em primeiro lugar, pôde ser verificada uma diversidade de imagens da juventude em sua obra, que vai desde do desencanto com as instituições do país, passando pelo espírito crítico, pela indignação e busca de

¹² CANDIDO, Antonio. “A Vida ao Réis do Chão” In. **A Crônica: O Gênero, Sua Fixação e Suas Transformações no Brasil**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP; R.J.: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, p.17.

respostas até a falta de civilidade e violência (como se verá explanado no capítulo III).

Dado ao caráter de sua obra, acredito firmemente, que Zuenir Ventura é quem, no presente, dá continuidade, atualizando com habilidade, à tradição iniciada com Rubem Braga e solidificada por Paulo Mendes Campos e tantos outros. Assim como seus ilustres antecessores, Zuenir Ventura continua chamando a si “a tarefa de domar o tempo, ao pô-lo por escrito” (NEVES, 1995, p. 22).

Considero relevante ressaltar o fato de que algumas crônicas, mesmo selecionadas, não foram utilizadas ao longo da pesquisa, em função da total inexistência da temática da juventude, objeto final da investigação.

Outro aspecto destacado quanto ao uso da crônica como veículo mediador das imagens sobre os jovens está relacionado ao fato de ser ela uma narrativa curta, bem ao gosto do curto tempo dos jovens da pós-modernidade, e que também poderia contribuir para as práticas dos docentes que têm se confrontado com a já citada crise da leitura que vem acometendo a sociedade nos últimos anos.

A crônica pode servir, também, como uma excelente aliada dos docentes ou tantos quantos lutam contra a crise da leitura, na medida em que ela, devido ao seu caráter de narrativa curta, em geral, com princípio, meio e fim, poderá funcionar como uma mediadora do reencontro dos jovens com a leitura.

1.3.2.

A Escolha do Veículo Representativo da Indústria Cultural

Dentre o amplo universo da Indústria Cultural, escolhi para buscar a representação do/a jovem um meio impresso direcionado a este segmento: A revista **MTV**.

A seleção da mídia impressa como representante da Indústria Cultural, para o desenvolvimento da pesquisa, deu-se, como já foi dito, em função da possível complementação de visões sobre os jovens presentes nos veículos utilizados na investigação. De um lado, em tese, se tem um olhar despretenso, leve, sem maiores compromissos, mas interessado, o caso das crônicas. De outro,

também em tese, se tem um enfoque mercadológico, mercantil e interesseiro (ainda que diluído na sua apresentação), o caso da revista de variedades e comportamento, **MTV**.

No amplo universo da Indústria Cultural, selecionei a mídia impressa como veículo para exame em função da proximidade que guarda com a origem da crônica, que, mesmo sendo Gênero Literário, como já mencionado, se estabeleceu inicialmente nos jornais, conforme se observa abaixo:

“[...]Vamos pensar um pouco a crônica como gênero. Lembrar, por exemplo, que o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental [...] Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. [...] e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.”¹³

Para chegar à seleção final do veículo que representaria a mídia impressa, realizei um levantamento em três grandes postos de vendas de jornais e revistas: um na Zona Norte, um no Centro e um na Zona Sul. Nesses pontos, após sondagem feita com os vendedores, chegou-se aos seguintes títulos de revistas que mais eram consumidos por jovens na faixa etária de 15 até 22 anos, a saber: **Atrevida**, **Capricho** e **MTV**. Após análise detalhada dos quatro últimos números das publicações, optei por utilizar a revista **MTV**, em função de os outros dois títulos, além de já terem sido objetos de outros estudos, não preencherem os requisitos da pesquisa.

A seleção da revista **MTV** foi apropriada, pois a publicação reúne todos os elementos constitutivos da Indústria Cultural, diluídos na aparência de modernidade e, ao mesmo tempo, se prestando a ser uma espécie de porta-voz de uma parcela da juventude, devido ao seu formato e conteúdo (no capítulo III as análises da revista serão sistematizadas).

Numa análise preliminar, pode-se constatar que a revista é filha dileta da televisão, pois foi criada na esteira do sucesso da homônima rede internacional de

¹³ Idem, p. 14 – 15.

TV, voltada para o público jovem, que tem como carro chefe da programação a exibição de *vídeo clips*. Nada mais “comum” que a linha editorial da revista refletisse a estética da rede de TV, cujo maior primado e motivo de orgulho é a linguagem “ágil” e rápida, capaz de absorver e ser absorvida pelo seu público alvo.

Mesmo tendo clareza de que, tanto a crônica, como a revista **MTV**, não são sujeitos ou grupos sociais, como pesquisador reconheço uma similaridade entre a posição de investigar e a tarefa do etnógrafo. Assim como o último está para os seus sujeitos como um intruso desconhecido e inesperado (BERREMAN, 1978, p.141), estou, ao mergulhar, sobretudo na revista **MTV**, também como uma espécie de intruso, que tenta penetrar um universo que não é o seu originalmente, embora reconheça que dali poderá trazer valiosas contribuições para o seu trabalho. É importante ressaltar que a “intrusão” nessa investigação presta-se à tentativa de construção de uma atitude de abandonar os estereótipos forjados em torno das práticas culturais dos jovens, daí a decisão de tomar os dois veículos como complementares na tarefa de me auxiliar a buscar como a juventude vem sendo representada contemporaneamente.

Assim como no clássico texto de Berreman, que nos exorta também à compreensão de que, na interação social entre o etnógrafo e seus sujeitos, o controle das impressões é vital para a não distorção dos apontamentos da pesquisa etnográfica (BERREMAN, 1978, p.141), devemos, de maneira semelhante, com o objetivo de continuar rompendo com as imagens pasteurizadas da juventude, estar atentos para não apresentarmos visões que sejam fruto exclusivo de nossas conclusões pessoais. Antes, precisamos analisar amplamente, através dos veículos selecionados, o objeto da pesquisa. Não pretendo com a relação apresentada acima fazer, aqui, apologia da neutralidade, mas é sempre importante se questionar quanto aos resultados obtidos durante a investigação. É evidente que o tema da neutralidade é uma questão superada, pois todos falam de algum lugar, partindo de algum conjunto de referências como bem analisou Bourdieu em seu texto: “O Campo Científico”.

Ao trabalhar com a revista **MTV** e as crônicas de Zuenir Ventura, uma sensação que tem sido recorrente é a do paralelo entre a postura do etnógrafo, que reconhece como uma das tarefas mais árduas de seu ofício, a de transmitir o clima e o tom, do que está se descrevendo (VELHO, 1994) e o desafio do pesquisador

de captar e perceber, adequadamente as nuances e revelações presentes nos seus veículos selecionados.

Para bem captar e perceber as imagens presentes nos veículos de análise da juventude, precisamos ter a tranquilidade de aprender a olhar para o comum, sem menosprezá-lo ou temê-lo, buscando sempre ir além dele. (CAPUTO, 2001, p.120). Ao adotar esta postura, compreendo ter escolhido uma via metodológica que me permitiu aproximar do objeto de minha pesquisa sem mistificá-lo, para o bem ou para o mal, o que favoreceu bastante durante a construção do trabalho.

Para encerrar este capítulo, faço questão de lembrar que os resultados obtidos ao fim deste trabalho além de serem provisórios, já que a juventude, como a maioria dos segmentos sociais, está em constante mudança (que ótimo!), são fruto, por mais que qualquer pesquisador se esforce, da apreensão momentânea da realidade, como bem nos adverte Caputo em sua reflexão:

“Concordamos então, que o olhar do pesquisador é um olhar ativo. Ainda que vendo, só é dado ao pesquisador uma aproximação do real, uma dada e momentânea apreensão da realidade.”¹⁴

¹⁴ CAPUTO, Stela Guedes. “Fotografia e Pesquisa em Diálogo Sobre o Olhar e a Construção do Objeto” In. **Teias: Revista da Faculdade de Educação da UERJ**. Rio de Janeiro, Nº 4, Dezembro de 2001, p. 116.